

4

A resenha de filme na visão dos usuários do gênero

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados oriundos do contato estabelecido com leitores, editores e críticos, a fim de conhecermos sua visão em relação tanto ao gênero resenha de filme quanto aos demais usuários.

Os comentários que incidem sobre os itens do questionário aplicado aos leitores apoiam-se nos percentuais que consideramos mais relevantes. Quanto à análise das entrevistas, procuramos nos ater à concepção do que seja uma resenha de filme – que elementos tem e como se organiza – e à questão da avaliação, um dos propósitos comunicativos do gênero.

4.1

A visão dos leitores

As respostas obtidas no questionário nos dão uma noção de quem lê resenhas de filme, com que frequência o fazem, como identificam o gênero (definição, organização e linguagem), se confiam na avaliação do crítico e se leem resenhas na internet. Esses são os aspectos abordados nas questões 5 a 10 do questionário, que podem ser conferidas no Apêndice 2.

Como informamos na seção 3.3.1, das *noventa e nove* respostas obtidas, *setenta e sete* são de pessoas que afirmam ler resenhas de filme. Logo, temos 77,7% de leitores do gênero. Destes, 33,7% marcaram a primeira opção da questão 5, indicando que leem esse tipo de texto “sempre, como parte da minha leitura habitual” e 32,4% assinalaram a segunda opção: “por acaso, quando estão em uma publicação que estou lendo”. Dos restantes, 11,6% afirmaram que leem resenhas apenas quando têm tempo e 22% optaram por outra resposta, revelando, em sua maioria, que o fazem quando têm a intenção de assistir ao filme. Deprendemos dessas respostas que apenas o primeiro grupo busca, de fato, esse tipo de leitura.

Quanto à identificação do que seja uma resenha de filme, temos: 53,2% dos questionados apontam para “um resumo de um filme com outras informações, ao passo que 29,8% reconhecem a presença de “uma opinião do autor”. Os índices menos expressivos registram 9% para “um texto sobre a história de um filme”, ou seja, apenas um resumo, e 5,2% para pessoas que marcaram duas respostas juntas:

um resumo acrescido de informações e opinião ao mesmo tempo. Esse último percentual corresponde a *quatro* pessoas e indica que elas têm dúvida em relação à questão da opinião como elemento intrínseco à resenha. Ainda com relação ao não reconhecimento da opinião pelo primeiro grupo, nitidamente o mais numeroso, imaginamos que seja possível que alguns deles tenham confundido resenha com “sinopse”.

A questão 7 indaga sobre o sequenciamento das informações no texto. A maior parte das respostas, dadas por 41,5% das pessoas, remete à opção “depende do estilo do autor”. Em seguida, 35% dos questionados consideram que isso “depende da publicação”; 13% acham que essa ordem é “sempre” seguida; 6,5% não souberam responder; e 3,8% marcaram a publicação e o estilo do autor.

A próxima questão aborda a linguagem usada nas resenhas. Os percentuais registram 50,6% para os que atribuem maior formalidade aos textos – apesar de acessíveis – e 42,8% para aqueles que os consideram bastante informais. De fato, dependendo do veículo, o autor pode buscar se aproximar do leitor pelo uso de coloquialismos ou até mesmo da primeira pessoa, expressando seus pontos de vista de forma bem direta, como em blogs de cinema, por exemplo.

Na questão 9, abordamos o propósito da avaliação nas resenhas. Indagamos do informante se “a leitura de uma resenha costuma ser determinante na sua decisão de assistir ao filme”. O índice mais alto alcançou 62,3%, relativo a respostas para a opção “às vezes”; em seguida, 23,3% responderam “quase sempre”; 10,3% marcaram a alternativa “sempre” e 3,9% indicaram “nunca”. Embora não tenhamos mencionado o termo avaliação ou opinião na pergunta, imaginamos que as respostas tenham levado em conta esse aspecto do gênero. Por outro lado, sabemos que uma boa descrição também pode levar o leitor ao cinema.

Finalmente, dos que leem resenhas de filme, *quarenta e três* ou 55,8% afirmam já ter lido esses textos na internet. Destes, 60,4% responderam que o fizeram “algumas vezes”, enquanto os demais 39,5% afirmaram que isso ocorreu “muitas vezes”. Quanto a possíveis diferenças entre o modo impresso e o digital, as respostas se dividem: para alguns, não há muita diferença; para outros, a linguagem na internet tende a ser mais informal. Outros ainda ressaltam que depende do site. Não faltaram comentários sobre a presença de imagens acompanhando os textos e *links* para o site do filme, no caso de resenhas lidas na versão online de veículos impressos. Esses resultados confirmam que a internet é

um meio bastante utilizado para a leitura do gênero, porém, em termos da linguagem usada, trata-se de uma questão que parece estar associada aos objetivos de quem publica esses textos e ao público a que se destinam.

No que concerne às entrevistas, percebe-se que a visão dos leitores com relação ao que seja uma resenha varia em torno da presença ou não de uma avaliação nos textos:

[L1] A resenha pra mim é uma avaliação dos vários aspectos envolvidos num filme, onde o diretor da resenha comenta a sua impressão pessoal. Então, eu vejo uma resenha como um texto altamente subjetivo, tanto é que há uma variação muitas vezes imensa entre a avaliação de um crítico e de outro sobre o mesmo filme, né (...)

[L2] É um texto que conta alguma coisa da história do filme e dá uma opinião sobre o filme. Mas talvez a resenha não tenha uma opinião. Não sei a definição de resenha... mas, no mínimo, conta uma história, conta alguns detalhes, como os atores, a direção (...)

[L3] Eu penso que uma resenha de filme na verdade é um texto que vai te dar indicações sobre aquele filme, qual o gênero do filme, informação sobre direção, sobre atores, e como eu não considero que nenhum texto seja totalmente isento e imparcial eu acho até que ele tem uma certa crítica, mas eu penso que o fundamental da resenha não é fazer a crítica, é te dar um panorama geral daquela obra te informando o que você pode encontrar naquele filme (...)

[L4] Eu vejo um resenha um pouco diferente de uma crítica. Uma resenha é uma pista para o leitor do que vai ser o filme. É quem trabalha no filme, quem é o diretor, alguma coisa do roteiro do filme e tal. No meu entender é diferente da crítica que já inclui também um juízo de valor de quem está fazendo a crítica. Então resenha pra mim é uma coisa mais informativa a respeito do filme, não sei nem se estou certo, é como eu percebo. (...)

[L5] Uma crítica de um filme é uma apreciação do filme, o que ele é, o significado dele, a apresentação do filme ao leitor, pode ser mais opinativa ou menos opinativa (...)

[L6] Acho que uma resenha de filme abarca uma certa crítica que envolve o gênero do filme, se é drama, se é comédia... – L6

Pode-se dizer que, nas falas de L2 e L3, há hesitação a respeito de um valor conferido ao filme pelo autor da resenha. Nos outros fragmentos, essa dúvida parece deixar de existir. Em L1 e L6, a resenha já aparece como um texto opinativo, ao passo que, nos demais, a presença de opinião é reconhecida na “crítica”. No caso de L4, percebe-se que, ao distinguir a crítica da resenha, o leitor atribui um lugar próprio para a avaliação. Acreditamos que isso se deva à orientação que antecedeu as entrevistas, no contato feito com as pessoas, momento em que evocamos o termo para facilitar o entendimento, já que, como afirmamos no capítulo 2, o termo “crítica” é mais reconhecido pelo senso comum.

Com relação à organização das informações nos textos, os leitores hesitam, a princípio, mas tendem a identificar uma apresentação do filme seguida de uma

abordagem de aspectos específicos:

[L2] É... eu nunca parei pra pensar nisso não, mas acho que sim, né... que os textos já vêm... remetendo a filmes anteriores do cara, ou a alguns outros filmes do mesmo gênero e tal, e algumas informações mais concretas, mais específicas, vão ficando mais para ao longo do texto...

[L3] Sabe que eu nunca reparei? Mas eu acho que tem sim... mas eu nunca me preendi nisso não. Eu acho que antes vem sempre um panorama geral do filme, falando sobre o diretor, acho que é primeiro um panorama geral e depois vem umas coisas mais específicas. Mas eu nunca parei pra prestar atenção nisso.

Nos depoimentos coletados, também percebemos que os leitores leem resenhas antes de assistir ao filme, a fim de se informarem sobre o tema, a direção, o elenco, mas nem sempre se deixam influenciar pela opinião do crítico. Chegam mesmo a questioná-la:

[L2] Nunca entendi muito isso, né, como é que o cara, tem uma pessoa, numa única publicação, que é lida por milhões de pessoas, dá uma opinião sobre um filme e acaba determinando a vontade, a decisão das pessoas, de ir ou não ver o filme. Sempre achei isso estranho...

[L4] ...o crítico ou resenhista, quem escreve um texto qualquer sobre alguma coisa, está dando a opinião dele, é como ele vê a coisa, mas será que eu vejo igual a ele? Então, também eu não me valho muito nessa de “ah, o bonequinho bateu palma, então, é bom”. Às vezes, não é pra mim, né?

Pelos trechos citados, a avaliação é colocada em segundo plano. Por outro lado, vemos leitores que valorizam um tipo de crítica que seja acompanhada de reflexão, de um olhar mais analítico sobre a obra:

[L6] ...o que me interessa é o que está em torno, o que fez aquele diretor fazer aquele filme, o engajamento das pessoas naquela história... então, se não diz nada a respeito do filme a não ser criticar um profissional ou outro, isso para mim não é resenha de filme.

[L1] Eu acho que principalmente quando a avaliação é negativa eu tenho um cuidado maior do que quando ela é positiva. Porque, às vezes, me fica um pouco a impressão de que uma avaliação negativa de um resenhista parte de uma preferência pessoal, né, de uma preferência subjetiva por esse ou aquele tipo de filme, ou ator, ou trama, ou diretor... a avaliação negativa dela [crítica da Veja] me parece bem construída, bem sedimentada, bem justificada, então, é em função realmente da crítica que eu tomo a decisão de não assistir a um filme.

As falas dessas leitoras nos remetem à necessidade de se fazer um texto mais aprofundado, que não seja apenas uma “resenha impressionista”, conforme descreve Pisa (2003, p.70), caracterizada por adjetivos lançados pelo autor para qualificar a obra e sem qualquer desenvolvimento do pensamento crítico. Apesar de admitirem que o limite de espaço nos veículos pode interferir, as respostas

dadas se baseiam na leitura que fazem, respectivamente, em blogs de cinema e na revista *Veja*, onde os textos são mais longos.

4.2 A visão dos editores

Dois editores foram entrevistados para este estudo. As respostas são bem distintas sobre a forma como compreendem a resenha:

[Ed1] Resenha não é crítica propriamente dita, né... é quase você fazer uma sinopse... é vou lançar um filme, por exemplo, vou fazer uma resenha para montar um release, um material de comunicação... não é que não seja crítica, mas não é uma coisa com um ponto de vista pessoal do crítico... a resenha serve a princípio para promover o filme... a resenha é uma coisa mais promocional do que propriamente uma crítica... acho que a resenha, antes de tudo, está a serviço do filme... a crítica é uma coisa mais pesada. ...

[Ed2] A resenha... é o conjunto das impressões que o crítico teve com relação àquele filme... a resenha é a opinião crítica dele sobre o filme, como base nas referências que ele tem, das coisas que ele lê sobre o assunto...[precisa ter] o senso crítico e explicar para o leitor a história, sobre o que é o filme.

No primeiro caso, temos um veículo especializado em cinema. Percebe-se que o editor não reconhece a “opinião” do crítico na resenha; o lugar dela estaria na “crítica”. Inferimos que o editor alude a uma postura mais analítica. Por outro lado, logo depois, comenta o que se faz nos jornais hoje em dia como “crítica”: “a crítica rápida de orientação, da pessoa que vai ver o filme”. Ou seja, não se trata de uma questão de extensão do texto, mas da presença de “um ponto de vista pessoal”, como ele afirma.

Já no segundo fragmento, a definição é bem clara: a resenha contém a descrição da trama e a avaliação do crítico. A editora considera fundamental explicar para o leitor a história do filme, admitindo interferir quando verifica que há mais avaliação no texto do que descrição, pois o leitor precisa saber do que trata o filme.

No veículo especializado, os próprios críticos escolhem os filmes sobre os quais escrevem. No não especializado, não há escolha; todos os filmes que entram em cartaz recebem uma resenha. O que pode ocorrer é um crítico ter preferência por determinado gênero e a distribuição de cabines para a exibição do filme ser feita levando-se isso em conta.

Outro aspecto que abordamos em nossa entrevista é o uso da linguagem.

Ambos os editores estimam importante a “clareza” na expressão das ideias.

Por fim, quanto à interferência na avaliação que se faz de um filme, Ed1 nega, afirmando: “Você escolhe o crítico que se adequa (sic) ao papel da sua mídia”. Ou seja, tem-se total confiança no que ele escreve. A única orientação, ressalta, é para “não vender o filme nem destruí-lo”. O veículo prima por uma postura jornalística séria. Já Ed2 diz que os críticos são independentes nas suas avaliações. De vez em quando, podem trocar ideias, no caso de uma crítica ser muito agressiva, por exemplo, mas isso é raro acontecer.

4.3

A visão dos críticos

Nas entrevistas realizadas com os críticos, notamos, primeiramente, uma hesitação em aceitar o termo “resenha” e a preocupação em distinguir a “resenha” da “crítica”. Vejamos:

[Cr1] (...) A resenha pressupõe o quê? Que o espectador não viu o filme, e que ele quer saber primeiro de que se trata esse filme, ele quer estar a par do que é o filme, e aí, sim. Depois disso, vem em segundo plano a opinião do... o comentário analítico do articulista, entendeu? Esse eu acho que é o aspecto principal da resenha. A crítica, não. Eu acho que a crítica deve ser lida por quem já viu o filme, porque é uma forma de você poder dialogar com o leitor melhor, mas você também não pode ignorar que o leitor pode usar o texto como uma orientação também, pra saber se ele deve ou não ver aquele filme...

[Cr2] Certo, acho que bom, primeiro que já tem um termo mais adequado que é o lugar comum, que chamam muito de crítica, né, mas eu acho que o espaço da crítica de qualquer gênero, artes, artes plásticas, literatura, ele não está mais nos jornais, ele definitivamente não está mais nos jornais e revistas, na chamada grande mídia, na mídia impressa, né... que se voltou muito para um... um aspecto de orientação de consumo, ele tem muito essa característica, pelo menos é a demanda dos editores, a partir do que eles acreditam que seja uma demanda do público, o que eu acho que tem a sua, tem o seu pé na realidade.

[Cr4] Uma resenha de filmes é uma coisa que, do ponto de vista do crítico de cinema, é uma coisa nefasta. É uma forma que os editores de jornais e revistas inventaram pra dar legitimidade a uma opinião qualquer e que na maioria esmagadora das vezes é uma opinião leviana. Então, uma resenha é uma coisa que em 10 ou 15 linhas, o crítico – aliás eu não chamaria de crítico – a pessoa que redige essa resenha dá sua opinião, se achou o filme bom ou se achou o filme ruim, e eu não reconheço nessa opinião algo completamente ou minimamente diferente da opinião de qualquer outro cidadão.

[Cr5] É complicado viu... resenha de filme... primeiro que resenha de filme já é uma expressão um pouco discutível... A resenha seria, por exemplo, o que eu vejo nos jornais, não em todas as críticas de jornais, mas na maioria delas, que são muito mais comentários do que propriamente uma crítica.

Como é possível constatar, apesar de os depoimentos combinarem aspectos diversos dessa atividade profissional, a definição do que seja uma “resenha” chega

a gerar certa “tensão”. Naturalmente, é preciso levar em conta o lugar de onde fala o crítico, pois a experiência de cada um influencia a sua visão do que seja o “texto sobre cinema” que escreve. Também fica claro que a orientação editorial de cada veículo, sob a influência das demandas de mercado, determina o texto a ser publicado. Os outros dois críticos se posicionam sem se preocupar em fazer a distinção:

[Cr6] Eu acho que é mais fácil falar do que eu acho que uma resenha tem que ter. É fundamental, em linhas gerais, a sinopse do filme, mas assim, em linhas muito gerais até porque nos jornais hoje sempre tem aquela coisa do tijolinho, do espaço onde já tem uma sinopse, então você não precisa se aprofundar muito (...), acho que tem que dizer primeiro, dizer um pouquinho o que aquela história vai contar pro leitor porque também a crítica é um serviço e eu acho que a gente tem que fazer esse serviço de alguma forma, mas bem sucinto... E a outra questão é que tem que ter a análise crítica, e aí a gente tem que discutir o que é uma análise crítica.(...)

[Cr4] Eu fico feliz de ver que você trata o termo resenha sem nenhum... aparentemente sem nenhum preconceito, porque existe uma tendência de críticos que têm uma... já um currículo, uma história mais extensa na prática do trabalho de tratar esse termo como se ele se opusesse de certa forma ao termo crítica. (...) Então, hoje em dia, você tem um texto crítico, que a gente chama de resenha, que é um misto de apresentação do filme, onde é essencial situar o espectador sucintamente a respeito de que filme se trata, né... fazer algum tipo de contextualização do filme, seja no momento em que se vive, seja em relação à obra do diretor, seja em relação a outros filmes que tratam do mesmo assunto etc. e, junto com isso, um... algum tipo de avaliação, algum tipo de apreciação a respeito das qualidades ou defeitos do filme. Isso eu acho que seria, basicamente, uma definição geral de resenha, né.

De qualquer modo, pelos depoimentos, tem-se a impressão de que a resenha é um texto mais curto – e por isso mais superficial – do que a crítica, e voltado para atender ao consumidor ávido de saber o que pode assistir nos cinemas. Compõe-se, essencialmente, de uma descrição da trama e de uma avaliação da obra. Também depreendemos que, para esses profissionais, a “crítica” hoje em dia encontra-se apenas nos veículos especializados, a maioria deles na mídia digital, onde a questão do limite de espaço deixa de existir e o crítico pode desenvolver melhor sua análise.

No que concerne à avaliação fornecida pelo crítico, percebemos nos textos analisados para este trabalho que, muitas vezes, a avaliação vem embutida em um comentário mais analítico. O autor se detém em uma análise de aspectos do filme que considera importante expor para o leitor. Apesar de essa análise parecer objetiva, o que temos, na realidade, é um posicionamento subjetivo, e que é reconhecido pelos críticos:

[Cr1] ...não há uma verdade absoluta na crítica...

[Cr6] A sua opinião vale tanto quanto a minha. Eu posso ter mais conhecimento, talvez, e isso me deixa mais gabaritado pra escrever sobre aquele produto no jornal. Mas opinião é opinião, e por mais que eu tenha conhecimento, é impossível você tirar a parcela de opinião daquela minha análise.

Algumas publicações acrescentam próximo ao texto – como na Folha de S. Paulo e na Revista de Cinema – um sistema de cotações, por meio de conceitos e estrelas, que já definem para o leitor a opinião do crítico a respeito do filme resenhado. No caso do jornal O Globo, há o famoso “bonequinho” que, dependendo do comentário sucinto que o acompanha, pode “aplaudir” o filme, “dormir” ou, simplesmente, se levantar e sair do cinema. A presença desses “ícones”, como afirma Cr2, é negativa para o exercício da crítica:

[Cr2] Foram criados esses ícones que meio que teriam a função de resumir a opinião, a avaliação do filme em estrelinhas ou bonequinhos e tal, e isso é o pesadelo do crítico, na verdade, porque é muito difícil você valorar a partir disso, porque a partir do momento que você tem que dar quatro estrelas, isso vira uma avaliação de obra-prima, aí você tem que comparar com filmes que estão em cartaz naquele momento. Então, você sabe que aquele filme vai estar com aquela cotação, mas em função daquele conjunto de filmes que estão em cartaz naquele momento, que não necessariamente seria a mesma cotação num outro...

[Cr1] ...porque o bonequinho é uma instituição muito forte, o bonequinho em si, e o leitor não sabe o que é o M.J., o que é o C.A.M. ali no box, ele acha que o bonequinho é uma instituição, e os bonequinhos têm pensamentos completamente opostos, às vezes, entendeu? Então, você acaba banalizando o bonequinho. Por isso que o meu bonequinho é sempre muito rigoroso, porque senão você banaliza, entendeu?

De um modo geral, os entrevistados afirmam não receber nenhum tipo de orientação por parte do editor dos veículos onde trabalham sobre o que escrever, nem com respeito à avaliação/cotação que devem dar ao filme. Afirmam ter liberdade de se expressar sem nenhuma interferência, mas admitem que pode acontecer, sim, de a orientação editorial do veículo influenciar na redação do texto. Quanto à linguagem usada, afirmam dar prioridade à clareza e objetividade na reflexão e juízo de valor que emitem para o leitor.

No próximo capítulo, damos início à análise das resenhas desta pesquisa.